

# Revelando o indizível na Oficina de Fuxico: uma experiência de pesquisa sobre gênero, religião e memória

Claudirene Aparecida de Paula Bandini<sup>1</sup>  
Maria Aparecida de Moraes Silva<sup>2</sup>

## 1. Sobre o problema investigado

No interior das instituições religiosas, as mulheres redefinem os espaços que lhes são reservados, segundo seus próprios interesses e necessidades, criando diferentes modos de aproximação entre lideranças e liderados. Nesse sentido, a pesquisa intitulada, “*Costurando certo por linhas tortas: um estudo de práticas femininas no interior de igrejas pentecostais*”<sup>3</sup> teve como objetivo verificar se as possibilidades de conquista de poder das mulheres pentecostais dependem da sinergia entre os aspectos do mundo do trabalho, da política, das relações de classes, da família e das afetividades, e identificar as formas de conquista pelo próprio nome e a realização do *projeto individual*. Contudo,

- 
- 1 Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Pesquisadora de Patrimônio Imaterial.
  - 2 Livre-docente pela UNESP e Professora do PPG/Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e do PPG/Geografia da UNESP/PP.
  - 3 Tese de doutorado defendida em 04/09/08, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação da Profª. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva.

não existe um *projeto individual* “puro”, ou seja, sem referência ao outro, pois cada *projeto* é elaborado e construído em função de experiências socioculturais, sem desconsiderar a estrutura de vivência e as interações estabelecidas no tecido social (Velho, 1980, p.42). Portanto, a partir da articulação entre os estudos de memória e a sociologia de gênero, das observações empíricas e da inovação metodológica, comprovei o quanto o universo religioso constitui-se como um espaço social complexo, portador de contradições e luta pela assimetria em relações de gênero.

Em virtude dessa complexidade, a pesquisa não concebeu a religião somente como uma prática de fé, mas como um espaço em que emergem diferentes aspectos relacionados entre si, por isso sua correspondência com a noção de *convenções sociais*. A religião, subsumida ao espaço da sociabilidade, deixa transparecer diferentes trajetórias de diferentes mulheres: mulheres pastoras; mulheres esposas de pastores; mulheres “seguidoras” de pastores e mulheres “seguidoras” de pastoras. Suas práticas cotidianas recriam espaços de sociabilidades, de reconstrução de identidades, de *enraizamento social*, de fortalecimento pessoal e, acima de tudo, de conquista do próprio nome, de *status* e poderes que extrapolam as fronteiras do mundo religioso. Um exemplo é a prática comum da visitação de líderes às casas de seguidores, seja de pessoas doentes, seja de casais com problemas conjugais ou financeiros. Essa prática de visitação pode ser compreendida como uma *prática de enraizamento social*, porque recria laços de amizade e confiança entre mulheres migrantes que se encontram desprovidas de rede de parentesco, mas também oferece serviços que deveriam ser assegurados pelo Estado (como creches, assistência médica, capacitação para o mercado de trabalho etc.). As líderes religiosas, participantes de um espaço social mais amplo, carregam consigo o cansaço do trabalho, dos cuidados com os filhos, a casa e a igreja. Assim, a prática da visitação pode se tornar uma ação contra o isolamento e o *desenraizamento social* derivados do processo de migração e do ritmo acelerado da cidade grande<sup>4</sup>. Ao conhecer suas histórias de vida, suas práticas sociais e seus *projetos*, a pesquisa desconstrói a noção generalizante e essencialista da categoria “mulher”, da *natureza feminina*, e os estereótipos de modelo feminino cristão

---

4 Ao longo do processo migratório forçado às famílias de líderes, os vínculos sociais são alterados e fragmentados, forçando cada sujeito a recriar espaços de sociabilidade pessoal. Portanto, a pesquisa compartilha da concepção de que “*as práticas religiosas podem ser fatores de desenraizamento e enraizamento*”, especialmente entre as mulheres (Bosi, 1992, p.30).

que a precede. Dessa forma, o estudo fez uma análise comparativa entre três instituições religiosas pentecostais analisando as práticas de líderes femininas, de mulheres que transformaram (e aquelas que ainda buscam transformar) suas condições sociais, conquistando novos *status* sociais através de ‘brechas’ produzidas entre a prática pessoal e as convenções sociais.

A pesquisa comparou o processo histórico de três igrejas pentecostais: Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ); Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e Igreja Assembléia de Deus (AD), a fim de verificar como cada denominação influencia direta e indiretamente nas relações de poder-dominância de gênero. Cada uma das denominações se diferencia segundo as origens, histórica e cultural, a estrutura institucional e o grau de acesso das mulheres ao poder eclesiástico. A pesquisa considera as mulheres como produtoras e reprodutoras de saberes e poderes, tanto na instância individual quanto na social, já que ambas estão interconectadas e influenciando-se reciprocamente. Também verificou o discurso religioso que tenta controlar e normatizar os corpos femininos e masculinos e de que maneira a doutrina pentecostal exerce pressão simbólica desigual sobre os homens e as mulheres.

## 2. A criatividade metodológica em História Oral

Várias leituras foram realizadas em relação às epistemologias acadêmicas e à criatividade metodológica tão necessária às Ciências Sociais. O caminho escolhido foi o de encontrar uma metodologia que não engessasse a pesquisa; afinal, como um artesão, o trabalho de um pesquisador não poderia ser “inibido pelo método e pela técnica”, pois o que é mais importante “é a liberação, e não a restrição da imaginação sociológica” (Mills, 1982, p. 133). Portanto, a fim de atingir os objetivos formulados, adotei a metodologia da História Oral e me propus a realizar uma investigação sobre gênero e religião baseada na cooperação, no respeito e na ética entre pesquisadora e pesquisados. A pauta metodológica permaneceu, por toda a pesquisa, fundamentada na construção de redes de contatos com os grupos; na observação e escuta dos detalhes; na ênfase das diferenças de trajetórias e na busca contínua de debater com demais pesquisadores e os caminhos percorridos na investigação. Também contei com o apoio dos membros do grupo de pesquisa “Terra,

Trabalho, Memória e Migrações”, coordenado pela Profa. Dra. Maria A. M. Silva, com a participação em eventos acadêmicos e, especialmente, com os diálogos com minha orientadora. Percebi a importância de manter uma interlocução com outros estudiosos das Ciências Sociais, uma vez que a complexidade do campo exigia, cada vez mais, uma sintonia com o objeto de pesquisa; sem neutralidade prefixada.

Desde o primeiro momento em que entrei em contato com a metodologia da História Oral, tive a certeza de que essa seria a metodologia mais eficaz para atingir meus objetivos, além de pôr à prova todo o meu conhecimento de vivência pessoal e de pesquisadora. Afinal, a metodologia da História Oral permitiu registrar as narrações, os silêncios, as hesitações e a linguagem gestual das entrevistadas, indicando as práticas que se complementam e se antagonizam em meio ao sistema patriarcal vigente na instituição religiosa.

Iniciar uma pesquisa de campo com um método previamente pronto e fechado pode impedir o processo de envolvimento entre o diálogo crítico, as hipóteses, as observações, as categorias e o arcabouço documental (Schmidt, 2002). A necessidade de romper com a hegemonia da racionalidade científica e de contribuir para a ampliação do conhecimento histórico perturba as próprias disciplinas, questiona as metodologias adotadas e suas produções, bem como o ambiente acadêmico e seus produtores. A descoberta de discursos heterogêneos, da pluralidade de identidades e descontinuidades somente foi possível quando me propus a descortinar as construções culturais, linguísticas e históricas na trama das relações de poder.

Ao criticar o cientificismo, Willem Hofstee (2002, p.16) propõe aos estudos de religião uma ciência mais pessoal, isto é, um conhecimento construído em estreita cooperação entre pesquisador e fiéis. Sua pauta metodológica baseia-se em quatro pontos:

- 1- engajamento do pesquisador: estabelecer alianças com os grupos que estuda;
- 2- privilégio dos detalhes na observação e na escuta em detrimento de generalizações;
- 3- ênfase nas diferenças mais do que nas similaridades; e
- 4- constante quebra das regras metodológicas, num apelo à inventividade e à imaginação do pesquisador.

A idéia de Willem Hofstee confronta o paradigma positivista e, ao mesmo tempo, desloca do método a questão da legitimidade do saber em

ciências humanas para o testemunho, o diálogo e a interlocução (Schmidt, Op.cit., p. 16). A complexidade do campo religioso exige uma sintonia maior entre o sujeito e o seu objeto sem uma neutralidade prefixada<sup>5</sup>.

Especialistas em religião, como o antropólogo Carlos Alberto Steil, admitem “a insuficiência das teorias quando comparadas ao excesso de sentido que o vivido não cessa de produzir” (2002 *apud* Schmidt, 2002, p. 18). Desta feita, descortinar as vivências e as representações de mulheres pastoras e de esposas de pastor consiste em dar voz às suas falas cotidianas. Portanto, as técnicas da metodologia da História Oral, escolhidas para a pesquisa, foram as mais adequadas, porque aproximaram a pesquisadora das articulações das identidades femininas sem deixar de perceber como uma determinada identidade reforça, reproduz e atribui *ethos* e *projetos* à outra. Entretanto, “o projeto não é um fenômeno puramente subjetivo” (Velho, 1980, p. 43), ele pode ser comunicado, porque é elaborado dentro de um *campo de possibilidades* específico, que pode ser historicizado e contextualizado.

A metodologia tomou por base a experiência pessoal expressa e sua articulação entre a influência das transformações sócio-econômicas mais amplas e a inserção religiosa. Optei por desconstruir, de alguma forma, o discurso condenatório da submissão feminina no campo religioso; afinal de contas, são mulheres que investem tanto na esfera familiar quanto na social por meio da instituição religiosa e de seus *poderes* femininos<sup>6</sup>. Para ir além da opressão e da submissão das mulheres, eu precisava de uma metodologia que permitisse captar a atividade religiosa destas dentro e fora de suas instituições, sem, todavia, realizar uma visão dicotômica de suas vidas cotidianas. O desafio de ir além dos estereótipos exige um controle do olhar sobre o *campo religioso* que, por sua vez, é predominantemente conservador e patriarcal. Então, como construir dispositivos eficientes que identifiquem qualquer instância de libertação, oposição e resistência das mulheres?

---

5 Ressalto que, no Brasil, ainda são poucos os estudos de gênero que estão, efetivamente, interessados em encontrar pontos positivos no processo histórico da liderança feminina pentecostal. Embora não seja pertencente a esse campo religioso, sou uma socióloga compromissada com os propósitos feministas, isto é, de explicitar as experiências femininas.

6 “O poder é um termo polissêmico (...) no singular, ele tem a conotação política e designa basicamente a figura central do Estado que, comumente, se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a influências difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela”. (Perrot, 1988, p.167)

Como existem muitos femininos e masculinos, o esforço foi reconhecer que mulheres e homens não constituem simples aglomerados, mas que elementos como cultura, classe, raça/etnia, religião, idade, estado civil e ocupação também devem ser intercruzados na tentativa de desvendar novas realidades. Nesse sentido, “a metodologia do estudo das trajetórias é um instrumento valioso para detectar a realidade dessa mobilidade” (Silva, 2004, p. 59), pois a investigação centrou-se em mulheres evangélicas; casadas, solteiras e viúvas; pobres e não pobres; entre 30 e 70 anos de idade; brancas e negras; mães e migrantes, especialmente do Norte e Nordeste, que, por vários fatores, não somente religiosos, foram forçadas a se deslocar para diferentes áreas do país, criando práticas de *resistências cotidianas* e novas identidades - que geraram tensões internas para a ordem estabelecida.

Nessa perspectiva, a pesquisa combinou diferentes técnicas da História Oral, principalmente; a técnica do estudo de trajetórias orientada por Françoise Battagliola (1991). Trata-se de uma técnica importante para a análise do impacto relativo à trajetória individual, ao grupo familiar e ao itinerário dos cônjuges, sobretudo para a compreensão das histórias de vida das mulheres. A produção das trajetórias individuais não as abstrai do grupo familiar que as inscreve, porque elas resultam de uma história familiar, pois o início da socialização se dá nas famílias de origem, e são elas que orientam os itinerários e dotam os indivíduos de estatutos sociais. Entretanto, no caso de mulheres migrantes, a rede familiar construída pode ora representar um recurso mobilizado ora um entrave ao *projeto* individual, gerando, com o passar do tempo, até um distanciamento do meio social de origem.

A importância da aplicação, inicialmente, do Questionário Biográfico, reside no fato de se obter informações da pessoa entrevistada e também de seus antecedentes, descendentes e, irmãos. Essa técnica tem o objetivo de identificar as situações sociais e familiares, bem como de verificar o deslocamento social, temporal e espacial das entrevistadas, indicando os aspectos sincrônicos e diacrônicos, informações sobre os deslocamentos, ocupação/profissão e escolaridade. Em relação aos casais de pastores, procurou-se entrevistar cada cônjuge individualmente em locais escolhidos por eles. Algumas entrevistas foram realizadas nas próprias casas, outras nas igrejas e no trabalho.

A pesquisa também aplicou a técnica dos *retratos cruzados* (*portraits bigraphiques*), orientada por Françoise Battagliola (Battagliola et al., 1991).

Trata-se da reconstituição da trajetória dos cônjuges com elementos semelhantes esquematizados no questionário biográfico. Por intermédio do cruzamento dos acontecimentos marcantes da trajetória conjugal, fez-se uma avaliação dos efeitos sociais sobre a trajetória individual feminina, já que o casamento apresentou-se como espaço de negociação e com efeitos desiguais entre os cônjuges. O aprofundamento desses efeitos foi realizado durante a narração da história de vida. Portanto, o acontecimento apontado no questionário biográfico pôde ser (ou não) aprofundado na narração, pois coube à pessoa entrevistada a escolha dos pontos explicativos e constitutivos de sua trajetória social. O retrato cruzado orientou a análise do impacto relativo à trajetória individual, ao grupo familiar e ao itinerário dos cônjuges, mas, principalmente, a compreensão das histórias das mulheres, uma vez que permitiu o entendimento dos *acontecimentos* da vida. O retrato biográfico apontou os elementos semelhantes entre as trajetórias sociais, os *acontecimentos* marcantes e os mais difíceis relacionados à esfera econômica, familiar e pessoal.

Outra técnica desenvolvida foi o registro de histórias de vida. Por meio destas, foi possível compreender as motivações que levaram as mulheres pastoras e esposas de pastores a reordenar seus itinerários a partir de sua terra natal, ou seja, a se desenraizar territorial e socialmente. Mais ainda, por que não voltaram e por que permaneceram no lugar atual. Tais questões suscitaram explicações oriundas de experiências mais subjetivas, frequentemente associadas à doença, à morte, à dificuldade financeira, ao casamento ou a desavenças familiares. A questão migratória tornou-se relevante, porque mostra que a “prática da migração é resultante de um processo histórico” (Silva, 2004) e, no caso das mulheres casadas com pastores, a questão relacionou a vida pessoal, familiar e econômica às constantes *migrações forçadas* pela Igreja ao marido. Conseqüentemente, os vínculos sociais eram alterados e fragmentados, forçando a reconstrução dos espaços de sociabilidade pessoal e familiar. Nesse sentido, o cruzamento das informações dos cônjuges permitiu um retrato mais fiel da entrevistada e da realidade multidimensional na qual está inserida.

A fim de deixar mais clara a exposição dos diferentes itinerários recolhidos, optou-se pela utilização de bases cartográficas. Contou-se com a colaboração de Beatriz Melo, participante do Grupo de Pesquisa, mestre em Geografia (Unesp/Presidente Prudente) e doutoranda em Sociologia

(UFSCar), para a confecção dos mapas ilustrativos da correlação entre os itinerários profissionais e os deslocamentos geográficos.

O trabalho de observação participante foi realizado ao longo da investigação em cultos, nas conversas e informações coletadas antes e após os cultos, no trabalho das mulheres na cozinha da Igreja, na reunião da liderança com as seguidoras e em eventos religiosos de maior representatividade feminina. As entrevistas foram realizadas em diferentes cidades do estado de São Paulo, e os nomes verdadeiros das entrevistadas foram substituídos por fictícios para a preservação de suas identidades.

Contudo, ao longo do trabalho empírico, tornou-se necessário inovar metodologicamente. Nesse sentido, para descortinar algumas vivências e representações do mundo de origem das entrevistadas, foi desenvolvida a técnica de *oficina de fuxico* com algumas mulheres pentecostais, considerando que as imagens do passado não são produtos do imaginário, pois elas contêm elementos comuns que foram vividos coletivamente. Nesse sentido, a partir dos estudos de Agostinho (1980), Benjamim (1985), Halbwachs (2006), Pollak (1989-1992), Proust (1088) e Portelli (2002), a pesquisa adotou a memória como um caminho para revelar o indizível detectado por outras técnicas de pesquisa. O empírico apontava que as lembranças de mulheres pentecostais referentes ao mundo de origem havia se perdido diante dos processos de conversão religiosa e *desenraizamento social*.

Como o *projeto* de cada trajetória depende fundamentalmente da memória, a oficina de fuxico teve o objetivo de revelar o indizível, ou seja, o período anterior à conversão religiosa, uma vez que o mundo de origem da maior parte das entrevistadas era silenciado durante as narrações. Os acontecimentos, os lugares e as pessoas correspondentes a esse mundo eram negados na narração, e, a oficina teve o objetivo de redescobrir as lembranças e de revelar o indizível por meio do trabalho das mãos, isto é, através de um *habitus* específico do mundo de origem.

### 3. Experiência com a técnica de oficina

A oficina de fuxico realizada com as mulheres da IEQ desnuda as formas de controle da Igreja sobre as mulheres e também a maneira como ela exerce

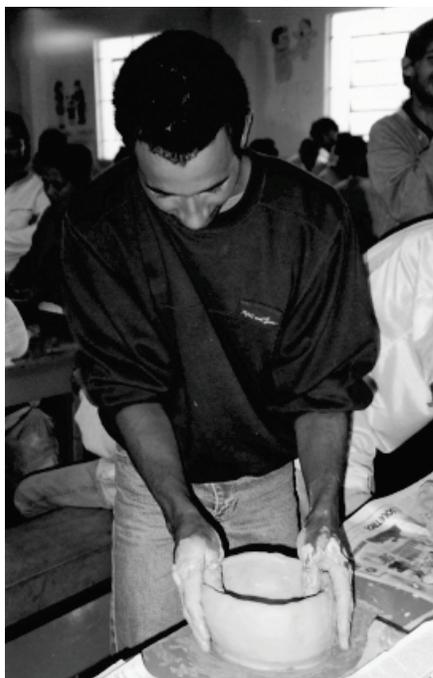
influência sobre o processo de (des)identificação e (re)identificação entre o mundo de origem (rural e católico) e o mundo atual (urbano e pentecostal) de suas seguidoras.

Para atingir o principal objetivo da pesquisa, o de analisar as práticas sociais de mulheres líderes pentecostais paulistas, a perspectiva metodológica reconheceu a importância da relação entre *projeto*, *identidade* e *memória*. Tanto as trajetórias quanto os *projetos* são elaborados pelos sujeitos a partir de uma circunscrição histórica e cultural que se apresenta a eles como repertórios de temas, preocupações e paradigmas culturais (Velho, 1980, p. 27). Contudo, o campo de repertórios pode se diversificar segundo as categorias sociais, tais como: gênero, classe social, religião, geração e raça.

Desse modo, para compreender a consistência de um *projeto social*, a metodologia deveria enfocar, fundamentalmente, a memória das entrevistadas, uma vez que ela é a fornecedora dos indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias para o presente. Porém, durante o desenvolvimento da pesquisa empírica, deparamos-nos com o **silêncio** em relação ao período anterior à conversão religiosa, dificultando a identificação dos elementos constituintes do projeto individual. Mesmo as entrevistadas que nasceram em famílias evangélicas negavam-se a falar sobre os acontecimentos que marcaram o período da juventude e/ou anterior ao casamento. Logo, a pesquisa não conseguia apontar os acontecimentos desencadeadores de conflitos sociais e de mudanças de itinerários individuais nas trajetórias analisadas. Em virtude desse silêncio das mulheres, surgiu a necessidade de inovar metodologicamente a pesquisa.

O processo de construção da oficina contou com as reflexões do Grupo de Pesquisa anteriormente citado; com as leituras bibliográficas referentes ao estudo da memória; com a inspiração do filme “Colcha de Retalhos” e, especialmente, com a experiência da Oficina de Argila desenvolvida pela minha orientadora e pesquisadora, Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva, apresentada no livro “O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais” (2005). À luz de Benjamin (1985), Pollak (1989-1992), Halbwachs (2006), Agostinho (1980) e Proust (1988), sua experiência com a oficina de argila junto aos assentados do Bela Vista, na cidade de Araraquara, permitiu a redescoberta das lembranças e a compreensão de que os silêncios sobre elas não eram esquecimentos, mas omissão como estratégia de resistência. Ela também concluiu que as constantes migrações dos/as assentados/as fizeram

com que os elementos como o barro e a terra fossem culturalmente desvalorizados, resultando na negação de suas origens e na falta de identificação com o mundo rural.



Fotos da Oficina de Argila.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria A. Moraes Silva (2002).



Processo de confecção de um fuxico.

Fonte: Pesquisa virtual. Acessado em agosto de 2009.

O objetivo da oficina de fuxico era descobrir o indizível em relação ao período anterior à conversão religiosa, revelar o que estava debaixo das convenções sociais e o que o sistema religioso controlava ou negava em relação à memória e às identidades das mulheres. A premissa para realizar a oficina era a de que as lembranças do mundo de origem – rural e católico – também haviam se perdido pelas constantes migrações forçadas pela Igreja, tanto para o trabalho missionário quanto para a abertura de novas congregações.

Trabalhar com retalhos de tecidos foi a técnica escolhida por se tratar de uma prática singular ao *habitus* das participantes; uma atividade regulada pela cultura de origem e pela produção coletiva entre mulheres: mãe/filhas; avó/netas, tia/sobrinhas. Portanto, a oficina seria um momento em que a memória individual e coletiva poderia ser recuperada e as lembranças reconfiguradas.

A etapa para a elaboração da oficina foi realizada somente após o desenvolvimento das técnicas de pesquisa anteriores, ou seja, após a aplicação do questionário biográfico, da observação participante e da história de vida. Para maior compreensão da oficina, houve a elaboração de um texto breve sobre a importância dos estudos da memória para as pesquisas em Ciências Sociais e, especialmente, para a presente pesquisa. A oficina foi realizada em duas sessões consecutivas, em julho de 2007, na Igreja IEQ, localizada na cidade de Araraquara, em São Paulo, com uma pastora e duas seguidoras. Em comum, as participantes possuíam a categoria de gênero; a idade (55-60), a maternidade e a origem rural e católica. Como diferenças, a miscigenação da raça (branca, descendente de negros e de indígenas); o estado civil (casada e viúvas) e a função no interior da igreja (líder e seguidoras).

Para desenvolver a oficina, durante quase um ano, foi necessário recolher uma grande diversidade de cores e estampas de retalhos, os quais foram doados por confecções e costureiras. Para iniciar a oficina, os retalhos foram espalhados no chão com as cadeiras ao redor. Nesse momento, as mulheres foram informadas de que o tema da oficina seria a conversão religiosa, mas assim que os tecidos foram espalhados, elas começaram a manuseá-los e a narrar o que suas mães e avós faziam com os retalhos, quando elas eram crianças e o que elas mesmas costuravam para seus filhos com retalhos de roupas velhas.

## 4. Tecendo as lembranças na Oficina de Fuxico



Fonte: Participantes da Oficina de Fuxico, 2007.  
Foto de Claudirene Bandini

Lúcia, ainda criança, costurava touca, sapato e roupas de bebê, porque aprendeu a fazer isso na escola do assentamento Bela Vista, onde morava com a avó, que era assentada. Na oficina, elas recordaram como era a máquina de costura utilizada pelas mãos e avós para remendar os retalhos e confeccionar os acolchoados que eram usados durante o inverno. Aparecida narra suas caminhadas pela fazenda para colher paina, que seria utilizado como enchimento de acolchoado e travesseiros, assim como se fazia colchão de palha de milho e de grama (Bandini, 2009, p. 256).

Em consenso, elas decidiram que confeccionariam um coração de fuxico e, em seguida, começaram a escolher a melhor combinação de cores de retalhos. O diálogo iniciou-se espontaneamente e, durante toda a oficina, houve somente duas interferências da pesquisadora.

Nesse momento, Lúcia narra as lembranças que afloraram ao entrar em contato com os retalhos<sup>7</sup>.

---

7 Regras de transcrição: [ ] passagens pouco audíveis; ( ) comentário, complemento, esclarecimento ou supressão; ... dúvidas, silêncios, rupturas sintáticas; \_\_ grifos para anotações; **negrito** para palavras

Enquanto as participantes manuseavam os retalhos, Bárbara narrou que costurava palha-cinhos de fuxico para seus filhos brincarem, mas que não se lembrava de como eles eram confeccionados. Porém, por meio do trabalho da memória; ela não somente se lembrou de como fazia o palhacinho, como costurou dois bonecos que me foram presenteados. Ao final da oficina, elas decidiram ensinar a técnica as outras mulheres para, juntas, confeccionarem vários palhaços a fim de presentear as crianças da igreja.



**Lúcia:** eu não gosto de colcha de retalhos porque me lembra pobreza, infância (...) Ah, fui muito pobre. **E sandália de plástico? Ah, eu não gosto** [põe as mãos no rosto e balança a cabeça negativamente]. Hoje, até que as sandálias são bonitas, mas **eu não gosto**. Tinha uns sapatos Verlon, era todinho de plástico, **aquilo machucava o pé que era uma coisa**. Isso lembra pobreza [riso].

Em seguida, **Bárbara:** Isso quando não era de sola de pneu. Era o sapato mais barato que tinha e também tamanquinho de sola de madeira...

**Aparecida:** E alpargatas também, né? Gente, quanto eu trabalhei com aquele sapatinho Verlon e **não podia rasgar**. Molhava tudo o pé, ai, credo. Era muita tristeza, muita pobreza.

**Aparecida:** Antigamente era colchão de palha, então colocava aquelas colchas na cama, por isso essa lembrança da pobreza. Eu fiz tanta colcha de retalho, só que de tirinha. Tinha de toda cor (...) colocava na casa in-

teira. E eu cheguei a vender porque meu marido morreu [pausa], e, já faz dezesseis anos e eu precisava vender porque eu tinha um filho ainda para criar, os outros três já era casado. E esse me deu trabalho porque queria as coisas e achava que eu podia dar, então eu fazia. Teve um dia que eu fiz uma colcha e um tapete pra uma mulher. Ela me disse: “Você faz, me traz amanhã cedo que amanhã cedo mesmo eu te pago”. Então, eu fiz para ir na padaria buscar pão e leite. Aí ela disse: “Ah, você não faz questão de te pagar só sábado?”. Aquilo foi uma tremenda decepção, porque trabalhei até tarde para conseguir o dinheiro para comprar pão.

**Bárbara:** Ih, eu já fiz muita roupa com retalho no tempo que era pobre, porque agora sou rica, viu gente? [risos]. Rica de Deus. A gente fazia até no saco de estopa para montar cavalo, era pelego. Também fazia ‘cochiniu’, emendava retalho e fazia roupas para as crianças...

**Lúcia: roupa emendada,** camiseta de duas cores: **eu detesto, detesto** [risos]. Lembrei que eu detesto roupa emendada. Sabe estas camisetas que metade da manga de uma cor e a metade de outra? Eu tenho pavor, porque me lembra roupa emendada, eu não uso, **não suporte**. É bonita, mas eu não gosto.

Todas aprenderam a fazer fuxico durante a infância com a mãe ou a avó, e utilizaram esta aprendizagem quando se tornaram mães, tanto para fabricar brinquedos quanto para enfeitar roupas e objetos.

Aparecida sugeriu que a pesquisadora cortasse os círculos com um molde (lata de conserva), enquanto elas costuravam os fuxicos e os colocavam juntos ao seu lado. A divisão de tarefas foi estabelecida e tal processo permitiu que elas pudessem divagar sobre suas vidas, sem a necessidade de interromper o trabalho para organizar o material ou combinar alguma cor. Assim que organizaram a divisão de trabalho, Bárbara sugeriu que poderiam fuxicar sobre o “ser mulher” e todas concordaram.

**Aparecida:** Ser mulher é cuidar da obra de Deus, não é Pastora?

**Bárbara:** E também.

**Lúcia:** Mulher é ser uma ajudadora...

**Aparecida:** ...companheira do homem...

**Lúcia:** Por isso que Deus falou: “farei uma companheira”.

**Bárbara:** Mulher é ajudadora, é companheira, é mãe, é economista, é professora, ela é tudo.

**Aparecida:** É muita coisa para mulher.

**Lúcia:** E ser homem é ser machista...

**Bárbara:** Ser mandão...

**Lúcia:** Ah, mas ser mandona eu também sou (risos).

**Bárbara:** Mas eu acho que ser homem é ser completamente diferente da mulher, principalmente se tiver um bom emprego, porque daí ele só quer mandar...

**Aparecida:** Sobee na cabeça quando ele começa ter um bom emprego, ganhar um bom salário...

**Lúcia:** Mas com a mulher também acontece isso...

**Bárbara:** Mas os homens acham que eles podem tudo...

**Lúcia:** Eu acho que a mulher trabalha mais com o coração e o homem trabalha mais com a razão. Eu acho isso porque a mulher é mais sensível e o homem é mais machista. Ganhou dinheiro, pôs em casa e tem o que comer, já acha que não tem mais nada para se preocupar.

**Bárbara:** [altera a entonação da voz imitando um tipo de homem] Eu já dei o salário inteirinho nas suas mãos: **se vira aí mulher, se vira** [risos]. E ela tem que fazer dar.

Essa passagem explícita como a religião está subsumida às outras esferas sociais e como ela influencia e é influenciada na formação dos conceitos normativos sobre o “ser homem” e o “ser mulher”. Portanto, o gênero também está vinculado às normas religiosas e às ações coletivas e individuais oriundas desse espaço social.

Como a religião necessita de uma memória para sobreviver, cabe ao poder religioso da memória autorizada atribuir sentido, reinterpretar e até mesmo negar o passado de seus fiéis. Os conceitos normativos referentes às categorias sociais têm o propósito de interpretar o presente e, especialmente, de garantir a continuidade do grupo.

Ao compartilhar as lembranças, Lúcia narrou, pela primeira vez, um acontecimento da infância.

**Lúcia:** Meu pai bebia e chegava bêbado em casa no fim da tarde. **Nossa, era terrível.** Eu nunca vou esquecer disso. Ele morreu quando eu tinha cinco anos e lembro perfeitamente de tudo. Um dia ele chegou em casa, e eu e minha irmã estávamos brigando por causa de uma boneca que minha vó tinha comprado. Vocês lembram de uma boneca que vinha pelada, de

plástico? Eu sou da era do plástico [risos], e minha Vó fez as roupinhas tudo igual, mas a gente tava brigando, “essa é minha, essa é minha”, coisa de criança. Daí, ele chegou em casa pegou minha boneca e enfiou dentro do fogão de lenha, **no fogo**. Eu vejo esta cena assim, perfeitamente, e depois colocou nós duas de castigo, uma em cada canto da sala. O chão da sala era de assoalho e aquilo, aqui deste lado, até o lado eu sei [riso], faltava uma tábua, embaixo era alto assim e tinha sapo embaixo **e, eu morria de medo de sapo**, até hoje eu tenho **pavor de sapo**. No quarto não tinha assoalho, era terra batida mesmo, e minha Vó tava no quarto com a lamparina remendando roupa e ele pegou o sapo e chegou perto da porta do quarto e ameaçou de jogar o sapo. Eu fiquei morrendo de medo, a minha irmã é muito traumatizada, mas acho que todo mundo fica um pouco, né? [silêncio].

**Pra. Bárbara** rompe o silêncio: Nós vamos fazer isto toda semana, vocês não topam? Isso aqui é uma terapia e cada uma pode ensinar o que sabe.

Como os retalhos perdidos no tempo, as lembranças foram unindo os pontos em comum de um passado reconfigurado. O fazer coletivo, o coração de fuxico, uniu pontos comuns, transformando as memórias individuais numa unidade forte e significativa. Cada lembrança individual ligava as demais a uma *memória coletiva* (Halbwachs, 2006). Os fios das lembranças teciam os sentimentos, as imagens do passado, a lembrança de uma pessoa há tempos ausente e tantas outras experiências vividas e transmitidas. Afinal, na oficina a memória foi sendo reconstruída com a união de tantos retalhos coloridos e surpreendentes.

Inseridas num mesmo grupo social de origem, elas compartilharam uma experiência que alimenta a estrutura da memória. O estímulo para lembrar, reviver as lembranças, era o compartilhamento de testemunhos dos fatos, dos lugares, dos personagens e dos acontecimentos passados. Na interação da oficina, identificou-se a luta pela superação de alguns acontecimentos sociais e a tentativa de conseguir dar continuidade ao *projeto individual*.

**Pra. Bárbara:** [...] Sabe, eu lembro que meu sonho de criança, adolescente, era ser professora. Mas eu me casei muito cedo, antes de concluir, e depois ficou difícil de estudar. Mas meu sonho foi realizado de outra maneira, porque aos 30 anos, depois que me converti, eu comecei fazer os cursos bíblicos e aí eu pude ensinar. Não ensinei na escola secular, que era meu

sonho, mas além da Palavra de Deus, a gente ensina muitas coisas. Esses dias eu falei para meus alunos que nós vamos aprender ciências dentro da Bíblia, porque na Bíblia não tem só a Palavra de Deus. Nela a gente aprende ciências, história, muita coisa, e eu gosto de aprender, de pesquisar as coisas. Eu consegui meu objetivo, tive a vitória de ter minha família unida, hoje todos casados, e quero continuar ensinando a Palavra com a escola bíblica, porque hoje nós já somos reconhecidas pelo MEC, né? Como professoras de Escola Bíblica. Então, é uma vitória ganha e um objetivo alcançado de maneira diferente que eu tinha pensado. Ainda tenho muito a aprender e a ensinar e sou feliz aos meus 60 anos. E vocês?

**Lúcia:** Ah, meu sonho foi realizado, porque meu sonho sempre foi de ter filho [riso]. Mas ter uma família feliz é muito importante e isso eu consegui também... Porque sem isso não dá para ser uma pessoa feliz, estruturada... Falta o objetivo de ter uma vida mais 'regalada'. Com mais dinheiro [riso]. Não que falte, louvado seja Deus, porque não falta, mas eu queria mais, um pouco mais para quando eu pensar, "eu quero isso", eu vou lá e compro sem esquentar muito a cabeça, mas tá ótimo (silêncio).

**Pra. Bárbara** refere-se à Aparecida: E você? Fala do seu sonho.

**Aparecida:** Ah, Pastora... Meu sonho acabou tão cedo... [emociona-se e segue o silêncio].

**Pra. Bárbara:** Não acabou nada. Nós ainda sonhamos...

**Lúcia:** Enquanto há vida, Irmã Cida, há esperança e sonhos a ser conquistados e realizados na vida da gente...

**Pra. Bárbara:** Eu já não estou sonhando em comprar aquele terreno ali atrás pra igreja para fazer um salão para a igreja? (silêncio).

A oficina de fuxico foi um espaço de compartilhamento das lembranças, das trajetórias e da construção de identidades. Apesar de o tema sugerido ter sido a conversão, os fatos narrados e vivenciados com sentimentos e ritmos concentraram-se no período anterior à conversão religiosa, ou seja, nas práticas sociais do mundo rural e católico. Ao manipular os retalhos, as emoções foram despertadas por uma multiplicidade de elementos de suas próprias experiências e, assim, elas começaram o trabalho da memória por meio das lembranças.

**Lúcia:** Antigamente, em fazenda, colônia era assim. De domingo tinha jogo de futebol, torneio...

**Aparecida:** Jogo de malha...

**Lúcia:** Então, de manhã já começava. Tinha um alto-falante, como se fosse uma rádio comunitária. Então, o pai da Graci, ele já morreu, ele ficava lá oferecendo música e a gente amava. Ali, juntava todas as colegas da mesma idade, algumas mais velhas, porque minha vó não deixava eu ir sozinha. Então, eu ia com as moças mais velhas passear no campo, ia toda bonitinha. Vinha o pessoal de fora, de outra fazenda, jogadores, e vinha a torcida deles, mas tudo depois da missa. Tinha as festas juninas, carnaval, procissão, e a gente passeava. Era muito gostoso. Seu Gonçalo oferecia aquela música... Para as crianças... “Vinde a mim as criancinhas”. Você lembra dessa música? (pergunta à Aparecida). Eu não lembro mais.

**Aparecida** começa a cantar e as demais a acompanham:

*Criança feliz/ feliz a cantar/ alegre embalar/ seu sonho infantil/ oh, meu bom Jesus, que a vida conduz/ olhai as crianças do nosso Brasil/ crianças com alegria/ igual um bando de andorinhas/ viam Jesus que dizia/ vinde a mim as criancinhas/ hoje no céu um acenol os anjos dizem amém/ porque Jesus Nazareno/ foi criancinha também [repete e risos].*

**Lúcia:** Nossa, parece que ouço o alto-falante cantando a música [risos]. Só esta que eu lembro também... E as brincadeiras de roda [todas falam ao mesmo tempo].

**Pra. Bárbara:** Como aquele tempo era bom...

**Aparecida:** Juntava tudo mundo, as moça e os moço...

**Pra. Bárbara:** É, juntava todo mundo em roda para brincar de peteca, não tem até um ditado que diz que não pode deixar a peteca cair? Então, era assim, não podia deixar a peteca cair...

**Aparecida:** Tinha aquela de passar anel e de pular a fogueira de São João? (risos).

**Lúcia:** Aquela de colocar um pano atrás...

**Pra. Bárbara:** Lenço atrás. Agora, **a coisa que eu mais lembro e mais tenho saudade**, eu vou até perguntar para o meu tio que mora lá [MG], porque a igreja ainda tá lá do mesmo jeito, eu tive lá há seis anos. Tem coreto e é lá na fazenda, não na igreja da cidade. Na igreja tinha as festas e era assim: o padre vinha da cidade, fazia a missa e aí tinha a quermesse.

**Gente, quantos anos eu tinha que eu lembro dessas coisas**, uns seis anos, não sei. Só sei que minha mãe não ia, era caseira, nunca ia. Mas meu pai ia e ia de a pé. **Era longe, não tinha nem carroça**, nem cavalo. Ia a pé mesmo naquela estrada de terra que iiiiia embora.

O tema da conversão não emergiu na oficina, e o período da infância predominou na memória individual compartilhada. A *memória sensitiva* (Proust, 1988) estava presente nos sabores dos doces, na alegria das festas religiosas e nas atividades de sociabilidades realizadas entre os colegas de juventude.

**Pra. Bárbara** revive as sensações nas festas nas fazendas: Eu chegava lá e via aqueles ‘cartuchos’ azul, vermelho, de toda cor, **ai meu Deus**. Eu vou explicar: você pegava um papel bem grande (...) e com o papel de seda enfeitava tudo, ficava lindo, com alcinha pra pegar e sabe o que tinha dentro? Doce de coco, doce de leite, doce de marolo, doce de mamão verde, de abóbora, doce de tudo quanto é coisa. **Aquilo era a minha felicidade**. Era tudo cortado em quadradinho dentro do ‘cartucho’. Lembro desta porque eu saí avisada que eu não podia pedir o ‘cartucho’. Aí, de repente eu tô lá atravessando uma barraquinha de mão dada com meu pai, vem um tio meu: “Oh Bina, oh Bina”, com um cartucho deste tamanho assim, **ai que dia feliz** da minha vida [risos]. **Que felicidade, meu Deus**. [...] Como a gente ficava feliz com tão pouco... Nós morávamos numa casa de pau-a-pique de um tio meu que era solteiro, e ele ia na cidade e comprava bolachinha e quando chegava dizia assim: “eu trouxe bolachinha pra menina.” Ah, eu corria lá para comer bolachinha de maisena, ai que delícia. **Lúcia**: Ah, eu gosto de lembrar da minha infância, apesar de ter um lado muito triste, mas é gostoso lembrar. Tem hora que dá até saudade [riso]. Se vê, meu tio todo dia dava uma volta comigo de bicicleta, não é um carinho isso? É gostoso. Eu morava com ele, então todo dia ele dava uma volta de bicicleta comigo e dava um dinheiro para eu comprar um doce, **todo dia**. [...] Minha vó também fazia, ai que delícia. Ela fazia doce de laranja, é o doce que mais gosto, doce de abóbora, de mamão não faltava em casa. **Aparecida**: E um dia, gente, eu, meus dois irmãos e duas primas, tudo pequeno. Nós queria comprar uns doce novo que chegou no bar da mulher lá, porque **todo mundo comprava**. Tinha anelzinho, e nós queria comprar, mas não podia. Sabe o que nos fizemos? Roubamos o ovo da mulher do bar para trocar com o doce [risos]. Ai, Jesus.

E assim, os fuxicos cheios de histórias e de lembranças foram sendo costurados. O coração de fuxico foi tomando forma enquanto o passado era recuperado pelos fios das lembranças.



Fonte: Oficina de Fuxico, 2007.

Foto de Claudirene Bandini

Do mesmo modo que Célia T. Lucena (1999) percebeu, no intercâmbio das lembranças dos mineiros residentes na cidade de São Paulo, a manutenção de velhos valores numa memória comum do tempo vivido, do tempo não disciplinado, a oficina de fuxico também permitiu relembrar com saudades o tempo da roça, da infância e da juventude. Contudo, alguns aspectos atuais foram valorizados a partir desse retorno ao passado, como algumas práticas que não puderam ser exercidas durante a juventude, em virtude do excesso de controle da família sobre as jovens. Nesse sentido, elas relembraram lamentando a educação rígida recebida dos pais ou avós, que resultou na falta de conhecimento sobre a sexualidade e a obrigatoriedade do casamento, dizendo que as moças de hoje em dia podem escolher com quem e quando querem casar.



Fonte: Oficina de Fuxico, 2007.  
Foto de Claudirene Bandini

Ao tecerem o fuxico, elas rememoraram a juventude na roça e apontaram o prazer da atual liberdade: o ir e vir sem a obrigatoriedade de serem acompanhadas por uma figura masculina, como se exigia no mundo rural-católico. A negociação das tarefas domésticas com o marido e os filhos, o acesso a serviços públicos de saúde, as oportunidades de viagens para eventos religiosos e tantas outras atividades cotidianas são formas de se relacionarem com a individualidade e com a autonomia no mundo urbano-pentecostal. A oficina nos apresenta mulheres que não desprezam os valores de seu passado, mas que avaliam as transformações dos comportamentos e dos papéis, ora valorizando alguns do mundo rural, ora menosprezando normas e comportamentos desse universo social, e “nesse confronto cultural as experiências da vida cotidiana são marcadas por representações antagônicas” (Lucena, 1999, p.166).

Estimuladas pelo trabalho entre mãos, olhos e alma (Benjamin, 1987), as lembranças foram aflorando. Elas produziam mais e mais fuxicos recheados de lembranças referentes às transformações sociais, especialmente entre os espaços urbano e rural.

As novas sociabilidades, as mudanças no mundo do trabalho e as experiências femininas também foram temas de reflexão na oficina. Contudo,

o passado rural e católico apresentou-se como referencial de um ‘mundo feliz’. A representação do mundo rural foi expressa pela interação entre mulher e natureza, trabalho e liberdade, fazeres coletivos, saberes do mundo rural e festas religiosas típicas desse espaço social. Durante as narrações, as mulheres tomaram alguns elementos como referenciais para reconstruir a memória social. Por intermédio de uma *memória seletiva* (Pollak, 1989), elas reconstruíram o espaço do mundo rural no qual pessoas foram revisitadas num desencadear de tempo e espaço compartilhados. O fazer coletivo do fuxico permitiu que elas reconstruíssem um caminho para o *enraizamento* social, a ponto de, na segunda sessão da oficina, Lúcia demonstrar a *memória envergonhada* (POLLAK, Op.cit.) que possuía em relação às atividades que associava à existência de marcas indígenas em sua avó.

**Lúcia:** Essa colcha foi minha vó que fez. Minha vó não existe mais. Eu não conseguia usar, aí eu desmanchei inteirinha. Sabe onde ela fez? Aqui (mostra uma peça quadrada de madeira com pregos enfileirados ao redor: é um bastidor). Essa era da minha vó, agora eu faço. Isso chama *nhanduti*, diz que é o nome de uma índia ou de um trabalho que ela fez para o namorado, alguma coisa assim. Eu tinha nove anos e minha vó já tinha feito uma meia dúzia pra mim, para o meu enxoval. Isso tem 40 anos.

Lúcia relatou, no final da oficina, que não usava as peças produzidas pela avó porque as achava ‘bregas’ e porque elas a faziam se lembrar do passado. Porém, com a leitura do texto sobre a memória e a participação na oficina, voltou a valorizar essa produção artesanal. Logo, no período entre as duas sessões (uma semana), Lúcia reencontrou o bastidor e a peça de enxoval de *nhanduti* produzidos pela avó. Nesse período, ela retomou esse fazer, porque a oficina despertou seu sentimento de pertencimento cultural, anteriormente negado, um dos efeitos do *desenraizamento social*. Além disso, durante o intervalo entre as duas sessões, as mulheres sentiram o desejo de se reunir novamente para confeccionar mais fuxicos e, mais uma vez, o indizível aparece na pesquisa.

### A arte da renda *Nhanduti*

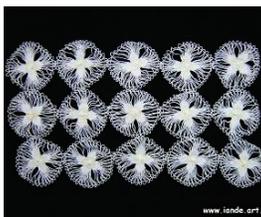
A *nhanduti*, também conhecida como *tenerife*, é uma renda de origem tupi-guarani que simula uma teia de aranha. Difundiu-se nos países de colonização espanhola, após passar pelas Ilhas Canárias, e teria entrado no Brasil pelo Paraguai, aculturando-se especialmente na parte sudoeste do país.

Sua origem está associada a lendas que envolvem relações amorosas. Uma delas é sobre uma mulher indígena cujo amado desapareceu no dia do casamento. Ao encontrá-lo, morto na selva devido ao ataque de uma onça, ela abraçou seu corpo e o velou por toda a noite. Quando o sol nasceu, o guerreiro morto estava coberto por um belo manto de teias tecido pelas aranhas. Assim, a noiva teceu uma linda mortalha, baseando-se no mesmo trabalho das aranhas. Dessta forma, ela criou a primeira peça de *nhanduti*.

Uma trama radial é montada pela rendeira sobre um bastidor, no qual o desenho vai se definindo conforme a variação de pontos executados sobre ele. Também é chamada de *renda do sol*, porque os vários motivos são tecidos a partir do centro, assemelhando-se a uma teia de aranha que atribui o significado de seu nome à língua guarani, “ñanduti”. A tradição guarani é expressa no *nhanduti* por meio da temática da flora e da fauna, como as flores, aves e insetos. Porém, a partir da década de 1940, quando aconteceu um “revival” da renda no mundo, os motivos do *nhanduti* também sofreram influências e passaram a tomar formas abstratas e geométricas.



Foto de Claudirene Bandini



Fontes: <http://www.houseofnativecultures.com>;  
<http://nhanduti.blogspot.com>. Acesso em: agosto de 2009

## 4. A oficina de fuxico e o processo de empoderamento social

A oficina evidencia o processo de mudança no campo religioso, corroborando o que afirma a pesquisadora Célia T. Lucena (1999, p.125), que “o pentecostalismo representa uma ruptura com o passado”. Porém, algumas trajetórias analisadas nesta pesquisa, de fiéis que praticam a migração mesmo pertencendo à religião herdada da família, encontram nesse espaço e nas práticas religiosas um meio de reforçar os laços de solidariedade. Em seu estudo, Célia T. Lucena mostra que o migrante rural encontra apoio e reconstrói a sua cultura de origem na medida em que transfere para a cidade seus ritos e manifestações religiosas, mas salienta que a conversão ao pentecostalismo e o processo de urbanização podem afrouxar “os laços de sociabilidade junto ao grupo de origem, mudando sua linguagem e valores” (Lucena, Op. Cit. p. 154). A autora aponta que as experiências de vida de um/a migrante rural no espaço urbano resultam na transformação dos costumes, porque novos valores culturais são obtidos, e a própria conversão ao novo mundo simbólico religioso pode produzir novos papéis e comportamentos, porque ocorre uma reconstrução de identidades.

A oficina de fuxico realizada com as mulheres pentecostais tinha o propósito de redescobrir o período anterior à conversão, um período silenciado pelas práticas cotidianas do mundo urbano e pentecostal. Contudo, os fios das lembranças teceram as redes ligadas somente ao mundo rural e católico. Os elementos de representação desse passado foram reconstituídos pelas lembranças de práticas cotidianas, tais como: as conversas desenvolvidas durante a lavagem de roupa no rio; a batalha pelo equilíbrio da lata d’água na cabeça; o calor do fogão a lenha; o barulho do colchão de palha; a maciez do colchão e travesseiros de paina e pena; o sabor das frutas silvestres (marolo, peúna, araçá, casaca) e dos doces caseiros; a alegria das brincadeiras com os colegas no campo de futebol e nas festas religiosas (quermesses); os ritmos das músicas e as sensações das relações amorosas vividas nesse tempo.

Em virtude da *memória seletiva* (Pollak, Op.cit.)<sup>8</sup>, as mulheres expressaram o saudosismo de um mundo rural que, para elas, não existe mais. Como

---

8 A memória também sofre flutuações em função do momento em que é articulada, em que está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. (Pollak, 1989, p. 204).

a memória sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada, ou seja, em que ela está sendo expressa (Pollak, Op.cit., p. 204), as mulheres selecionaram acontecimentos, personagens e lugares correspondentes à *memória coletiva* de um mundo rural marcado por sabores e alegrias.

Sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do passado. Sem qualquer previsibilidade do que virá a ser, o tempo, todavia projeto utopia, desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado (Delgado, 2003, p. 10).

Nessa perspectiva, a representação era a de um mundo com abundância de sociabilidade entre a grande família e a vizinhança, e de um particular contato com a natureza (com a terra, as árvores frutíferas, os riachos). As lembranças descobertas durante a oficina confirmam o argumento de Célia T. Lucena de que há diferentes níveis de inserção, ajustamento e incorporação dos traços urbanos às culturas rurais (Op.cit., p. 158). Afinal, as imagens do passado (comida, festas, natureza, relacionamentos) foram confrontadas continuamente com as práticas atuais, apontando como a reconstrução de identidades perpassa pelas categorias de gênero, religião e geração.

O silêncio em relação ao tempo presente e a negação em falar sobre a conversão e o período posterior a ela sugerem a existência da *memória das perdas* (Pollak, Op.cit.), uma vez que o trabalho da memória permaneceu centrado nas lembranças do tempo rural e católico. Atualmente, elas estão inseridas numa dinâmica social (urbana e pentecostal) que não possibilita a criação de *muletas da memória* (Von Simson, 1992).

Enquanto, por um lado, a religião congrega os indivíduos, fornecendo-lhes uma solidariedade e um referencial comum para a construção da identidade coletiva religiosa, por outro, ela nega as lembranças de uma memória individual e os elementos constituintes de identidade individual construídos anteriormente. Portanto, a religião seleciona o que deve e o que não deve ser aglutinado para dar continuidade à memória coletiva do grupo religioso<sup>9</sup>. O passado rural e urbano integra a *memória coletiva* de grande parte dos praticantes da religião pentecostal. Logo, o ato de lembrar, de falar

---

9 A memória também é muito utilizada pelos líderes pentecostais durante campanhas eleitorais como elemento de consolidação de identidade política. Ver: BANDINI, Claudirene A. P. A Reconstrução

de si, de testemunhar, pode transformar e/ou fazer desaparecer as lembranças de um passado cuja religião do tempo presente tenta apagar e negar.

Na oficina, as mulheres narraram passagens de sofrimento nunca compartilhadas. Costurando os fuxicos, elas recriaram as bases de uma memória individual que reforçaram o sentimento de pertencimento social, de um “nós” cujas experiências podem ser vividas e transmitidas, pois elas reviveram, coletivamente, o mundo do trabalho, da cultura e dos símbolos. A interação entre mãos e retalhos estimulou a narração, porque associou aquela que narra com sua matéria de trabalho. Portanto, a coordenação entre alma-mãos-olhos reforça o trabalho da memória e, conseqüentemente, os laços sociais entre os sujeitos narradores (Benjamin, 1987). A alegria expressa na fala de Bárbara, “que coração mais lindo, feito com amor”, expressa o sentimento do trabalho coletivo, no qual o imaginário e o simbólico estão permanentemente interligados.

Saber o que fazer com cada retalho, de que forma cada um pode contribuir para os temas invisíveis e visíveis ao longo da vida, torna-se uma construção individual, mas que também é coletiva. O poder da transformação pode surgir no espaço íntimo como um retalho insignificante. Porém, quando costurado aos demais, contribui para a formação de uma grande rede que tece toda uma vida. Por fim, na oficina, as mulheres pentecostais reviveram o passado sem travas religiosas e o indizível tornou-se dizível. Porém, o indizível permanece indizível, como o forro que cobre o avesso do fuxico.

As relações são complexas entre os papéis sociais atribuídos pela Igreja e os assumidos no cotidiano. Há uma lacuna nas negociações culturais e sociais para que as mulheres se empoderem e construam “cunhas” em função de seus *projetos sociais*. No entrelaçamento entre as identidades sociais, as mulheres atribuem sentidos e interpretações a suas trajetórias e itinerários segundo seus conhecimentos, necessidades e possibilidades sociais. Contudo, o mundo das mulheres pentecostais também é um mundo socialmente limitado; suas escolhas culturais são ajustadas de acordo com a estrutura na qual estão inseridas. Por conta disso, elas também são censuradas, classificadas e expropriadas de uma memória coletiva da qual participaram e herdaram alguns elementos que serviram como referências durante as reorientações de suas trajetórias e

identidades. Uma das formas de revelar os elementos identitários negados mediante um novo *ethos* é trabalhar com a *memória subterrânea* baseada em Michel Pollak (1989), como foi realizado na oficina de fuxico.



Fonte: Coração confeccionado pelas mulheres  
no final da Oficina de Fuxico, 2007.  
Foto de Claudirene Bandini

A técnica de oficina incorporou os objetivos teóricos e práticos relacionados aos processos migratórios forçados pela instituição religiosa. A coordenação entre os elementos alma-mãos-olhos reforçou o trabalho da memória e, conseqüentemente, os laços sociais entre as narradoras. Como os elementos da memória mesclam-se à vida da própria Igreja, uma vez que ela oferece novas sociabilidades e experiências femininas, na oficina de fuxico aconteceu um tipo de *metamorfose* cujo foco da transformação foi a busca pela reconstrução contínua de si mesma, pois “tempo, memória, espaço e história caminham juntos” (Delgado, 2003, p.10). Por possuírem representações e categorias comuns e interagirem no mesmo contexto social, elas conseguiram compartilhar lembranças e reconstruir *projetos individuais*.

A oficina de fuxico possibilitou a reconstrução das memórias das participantes e foi um momento de reorientar os projetos, de refletir sobre as trajetórias e de redimensionar as práticas cotidianas no interior da igreja, já

que as mulheres continuaram com os encontros, inclusive com a participação de outras mulheres, como forma de sociabilidade pessoal e familiar. Porém, mais do que sociabilidade, esses momentos podem ser configurados como espaço de *empoderamento social*, no qual o “empoderamento psicológico é visto como uma percepção individual de força e sua presença manifesta num comportamento de autoconfiança” (Antunes, 2004, p. 55). Tais encontros têm produzido autonomia individual por meio da transformação individual, ou seja, no interior das mulheres. Ao compartilharem suas histórias e experiências, elas demonstram que a resistência é vital para as novas relações de poder, porque é ela que proporciona a sustentação necessária diante das palavras e comportamentos de opressão dentro e fora do campo religioso.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.176-177.

BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. *Religião e Política: a participação política das igrejas pentecostais nas eleições de 2002*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, 2003.

\_\_\_\_\_. Reconstrução do Passado: uma estratégia política de grupos religiosos-pentecostais. *Revista Versões*. São Carlos, Ano II, n. 3, jul/dez 2006.

\_\_\_\_\_. *Costurando certo por linhas tortas: um estudo de práticas femininas no interior de igrejas pentecostais*. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, 2009.

\_\_\_\_\_. *Na Trilha da Cultura Caipira: cantadores, tocadores e declamadores no interior do estado de São Paulo*. São Carlos: Editora Rima. 2010.

\_\_\_\_\_. *Patrimônio Cultural de São Carlos: A oralidade em músicas e causos no Rancho do Abacateiro*. São Carlos: Editora Rima. 2010.

BATTAGLIOLA, et al. *Dire sa vie! Entre travail et famille. La construction social des trajectoires*. Paris: CSU, 1991.

BENJAMIN. W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: *Cultura Brasileira: temas e situações*. Série Fundamentações. 2. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*. Rio de Janeiro, n.6, p. 9-25, jun. 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200-212. 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002.

PROUST, M. *O tempo redescoberto*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1988.

SCHIMIDT, Maria Luísa. O passado, o mundo do outro e o outro mundo: tradição oral e memória coletiva. *Imaginário*. São Paulo, n. 2, p. 89-100, 1995.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Se eu pudesse, eu quebraria todas as máquinas. In: *O Averso do Trabalho*. (Org.). ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Expressão Popular. São Paulo, 2004. p. 29-77.

\_\_\_\_\_. Das Mãos à Memória. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Org.). *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. São Paulo: EDUSC, 2005. cap. 11.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e Orientação em Sociedades Complexas. In: (Org.). FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. F. Alves, 1980. p. 27-56.

\_\_\_\_\_. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999. p. 97-105

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Imagem e Linguagem: reflexões de pesquisa. In: LANG, A. B. (Org.). Reflexões sobre a pesquisa sociológica. CERU. *Coleção Textos*. Série 2. N. 3, 1992.

**Resumo:** Como 'burlar' as formas de controle e descortinar um passado silenciado? Para revelar o indizível e compreender os silêncios e o mundo cultural de origem, surgiu a necessidade de inovar as ferramentas de pesquisa social. Por intermédio da metodologia da História Oral, a elaboração de uma Oficina de Fuxico configurou-se como caminho eficaz para compreender a (des)identificação cultural e a negação do passado anterior à conversão religiosa.

**Palavras-chave:** metodologia, memória, cultura, religião.

**Revealing the Unspeakable in Fuxico Workshop: an experience of research on gender, religion and memory**

**Abstract:** How to 'cheat' forms of control and uncover a past silenced? To reveal the unspeakable and understand the silences and the cultural world of origin came the need to innovate the tools of social research. Through the methodology of oral history, the development of a shop gossip was configured as effective way to understand the disidentification and cultural denial of the past prior to religious conversion.

**Keywords:** methodology, memory, culture, religion.

Recebido em: 05/01/2012

Aprovado em: 15/03/2012